

Suplemento

Património

São Miguel de Lousada em 1758 memória paroquial, toponímia e património



A paróquia de São Miguel de Lousada está localizada no extremo nordeste do concelho de Lousada, constituindo aqui fronteira com o vizinho de Felgueiras, concretamente com as freguesias de Idães e Unhão. Decorrente da Reforma Administrativa de 2013, compõe presentemente a União de Freguesias de Cernadelo e Lousada (São Miguel e Santa Margarida).

Não sendo das maiores freguesias lousadenses, possui uma expressiva agregação populacional, muito derivado do facto de ser atravessada por marcantes eixos viários de relevo local e regional, nomeadamente pela Estrada Nacional 207 e pela Estrada Municipal 1149.

Documentada desde a Baixa Idade Média, encontram-se nestas referências escritas uma matriz comunitária ainda hoje bem espelhada num alargado número de toponimos dispersos pelo território que nos remetem para uma estruturante célula que, a par da igreja de invocação a São Miguel, foram ao longo dos séculos materializando a paisagem chegada até nós – o casal. A Memória Paroquial de São Miguel, de 1758, não somente retrata esta realidade, o que é sintomático de um espaço temporalmente normalizado, como nos remete para outras questões da vida quotidiana, económica e religiosa.

Texto e fotografia

Cristiano Cardoso, Técnico de História, CML
Luís Sousa, Arqueólogo, CML

1. SÃO MIGUEL DE LOUSADA - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

1.1. A paróquia

As inquirições de 1258 são muito esclarecedoras relativamente à iniciativa de fundação desta igreja e à sua constituição como elemento organizador e central da vida espiritual e social de uma pequena comunidade de proprietários agrários livres que se estabeleceu neste território.

Contudo, não muitos anos antes de 1258, um cavaleiro da principal nobreza da região, Martim Peres Leitão, juntamente com outros cavaleiros do seu séquito, apropriou-se à força da igreja, reclamando-se seu padroeiro e usurpando os direitos dos mencionados *herdadeiros*. Desta forma, transitou a igreja para a posse e padroado dos cavaleiros de Lodares, a estirpe deste Martim Peres Leitão. Cerca de um século depois, por meados de Trezentos, a igreja de São Miguel já figura como anexa, ou filial, da d'O Salvador de Avela, como viria a permanecer durante vários séculos.

1.2. A Igreja

A igreja de São Miguel de Lousada está implantada numa ligeira elevação sobranceira ao dilatado vale da ribeira de Barrosas. A sua volumetria compõe-se de três corpos: capela-mor, corpo da igreja (nave) e sacristia. Estes três volumes correspondem a, pelo menos, duas épocas bem diferenciadas. A capela-mor foi erguida nos finais do século XVIII, substituindo uma mais antiga, da qual não se observam vestígios. A sacristia, embora remodelada em fase posterior, deverá datar, igualmente, do século XVIII. Mas é, sem dúvida, o corpo da igreja que sobressai no conjunto. Este volume, pela análise da sua arquitetura, denuncia um programa do século XVI, em que, a par com algumas opções evocativas da época, se contém elementos e soluções que se enquadram em fases bem anteriores. O tratamento estético do portal principal, exibindo esquinas chanfradas e os arranques ornados de motivos florais, é característico do que se desenvolvia no século XVI. Os alçados expõem uns silhares salientes, que, para além de conferirem maior sustentabilidade à estrutura, por estarem inseridos perpendicularmente à parede dupla, se afirmam como decorativos, muito ao gosto da época. Relativamente ao entablamento, que sustenta o vigamento do telhado, realce-se o tratamento da cornija e, especialmente, dos cachorros figurados.



Figura 1 Igreja Paroquial de São Miguel.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE SÃO MIGUEL DE LOUSADA: TRANSCRIÇÃO

Enformação do parocho de S. Miguel de Louzada, vesita da segunda parte de Souza e Ferreira, sobre o contheudo nos interrogatorios da ordem que por parte do Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor, deste Arcebispado Primaz, me foi enviada e remetida. Gualter da Costa, vigario da parochial igreja de Sam Miguel de Louzada, vesita da segunda parte de Souza e Ferreira, certefico em como enformando-me sobre o contheudo nos interrogatorios incluzos achei o seguinte. 1. Esta freguezia de Sam Miguel de Louzada, fica e está situada na Provincia de Entre Douro e Minho, no Arcebispado Primaz Bracarense, e situada no concelho de Louzada, da comarca de Barcellos, em cujo concelho domina o Provedor de Guimarains, naquellas couzas que competem à sua jurisdiçam. Parte desta freguezia hé também do concelho de Unham. 2. O concelho de Louzada hé da Serinissima Estado da Caza de Bragança, e de prezente Sua Magestade Fidellissima hé administrador da Senhora Princeza, e se acha dominando. 3. Tem esta freguezia oitenta e coatro vezinhos, pessoas de sacramento duzentas e vinte e seis, menores trinta e duas, cazados sincoenta e dois, veuvos e veuvas, 16 solteiros e solteiras, dezasseis. 4. Está situada a

dita freguezia junto a huma estrada pública, que vem do Passo do Excellentissimo Conde de Unham para Arrifana de Souza, e para a cidade do Porto, junto a hum lemitado monte, que chamam de Santo Euzebio. Do assento da mesma freguezia se descobre o Torram, ou parte delle, cabeça do concelho de Louzada. E do cruzeiro da igreja se descobre a villa de Arrifana de Souza, e também as torres do Convento de Bostello, que hé dos Monges do Patriarcha Sam Bento, junto à mesma vila de Arrifana de Souza, tudo para a parte do Sul, que dista desta freguezia legoa e meia. 5. Hé do concelho de Louzada e parte do concelho de Unhão. 6. A parochia está situada junto ao Nascente. E tem outenta e coatro vezinho ou lugares, a saber, lugar da Igreja, Monte, Subdevezas, Magantinha, Lugar do Outeiro, Forno, Quinta da Porta, Quintaens, Estrada, Fonte, Lage, Piagem, Feira, Souttinho, Costa, Boussa de Ferreiro, Moinhos, Cachada, Soutto, Villa, Subribas, Cuvo, Nogueira, Carboal, Boussa, Cobrada, Portella, Talho, Lameira, Falcam. E declaro que tem outenta e coatro fogos, e lugares trinta, que são os assima escriptos. 7. O orago desta freguezia hé Sam Miguel, que se celebra aos outo dias do mês de Maio, de cada anno. Tem a igreja três altares, a saber, na cappella mor está o altar mor, em o coal está o padroeiro. No corpo da igreja, para a parte do Sul, está o altar de Nossa Senhora do Rozario, cuja imagem se acha bem ornada, e concorrem muitos devotos e devotas a fazerem suas devoções, em varios dias do anno. E no mesmo altar está hum Menino Jezus, junto da mesma Senhora. Na parte do Norte está o altar onde está o Menino Jezus. Esta igreja hé piquena, não tem naves, e só tem o arco junto à cappella mor. Tem a confradia do Subsino, que nam tem depozito, nem os freguezes pedem, e só concorrem para a cera que se dispende com os defuntos e algumas missas. Tem a confradia do Menino Jezus, para a coal pedem os officiaes para fazerem a sua festa. Tem a confradia da Senhora e para fazerem a sua festa annual, também pedem os officiaes. 8. O parocho desta igreja hé vigario e hoje collado, e hé apresentada pellos abbades do Salvador de Avelleda, por ser matriz. E comem os ditos abbades os dizimos, e só o vigario tem de congrua dez mil reis em dinheiro, vinte e sinco alqueires de milho e senteio, e vinte e outo almudes de vinho, isto além do pé de altar, que ao tudo terá de rendimento o vigario, pouco mais ou menos, outenta e coatro mil reis. 9. Nada. 10. Nada. 11. Nada. 12. Nada. 13. Tem

esta freguezia no lugar de Quintaens, a capella de Santa Luzia, da coal hé admenistrador o Lecenciado Manoel Ignacio de Azevedo. E tem outra cappella, no lugar da Portela, da coal hé admenistrador o padre Jozé de Magalhais Machado, com invocação de Sam Jozé. E tem a cappella de Nossa Senhora do Rozario, no lugar de Piagem, de que hé admenistrador Joam de Affonceca Ribeiro. 14. À cappella de Santa Luzia concorrem algumas pessoas a fazer romaria, no seu dia, que hé aos treze de Dezembro. 15. Os frutos que os lavradores lavram e recolhem nas suas terras e fazendas, são milho, milho alvo, e centeio, e trigo pouco. E em maior abundancia o milham, algum vinho verde, que tudo se gasta na terra, com as culturas e povo della. 16. Tem juiz ordinario e camara posto tudo, e feito por Sua Magestade Fidellissima, que Deos goarde, que servem no concelho de Louzada, aonde vem em correição o ouvidor de Barcellos. 17. Hé concelho de Louzada. 18. Nada. 19. Nada. 20. Nam tem correio e servem-se os moradores do correio da villa de Arrifana de Souza, bispado do Porto, que dista desta freguezia legoa e meia. 21. Dista esta freguezia da cidade capital do Arcebispado de Braga, seis legoas e da de Lisboa, cappital deste Reino, sincoenta e três legoas. 22. Nada. 23. Nada somente bastantes fontes e de boas agoas. 24. Nada. 25. Nada. 26. Nada. 27. Nada. Esta freguezia está situada em hum baixo, entre o lemitado monte de Santo Euzebio e monte chamado de Santa Catherina do Calvello, o coal tem para a parte do Norte, hum lugar chamado de Barrozas, onde há huma grande cappella com a vocação do Bom Jezus de Barrozas, sita na freguezia de Santa Maria de Idaens, aonde concorrem muitas procissoens e devotos em varios dias do anno, e com especialidade na festa do Espirito Santo e Trindade, aonde se fazem festas com sermoens e missas cantadas, e com expoziçam do Santissimo. E nam tem mais serras, nem montes dignos de memoria, excepto o monte do Crasto, que pega na mesma freguezia, o coal monte hé abundante de matos, e nelle também pastam gados, do coal se utillizam os moradores desta freguezia e circunvezinhas. Pellas faldas desta freguezia, pella parte do Poente, corre hum diminuto regato, com o curço arrebatado, que nasce junto a Barrozas, onde tem o seo principio, e corre para a parte do Sul. E nos limites desta freguezia tem varios moinhos, que todos moem com as agoas do tal regato, para o coal concorrem varias fontes. E nam tenho mais de que faça mençam, sobre

huns e outros interrogatorios contheudos no papel incluzo. Só declaro que o regato assima se acha sem nome e se mete no rio chamado Souza, para a parte do Sul. E para satisfazer ao detriminado pello Muito Reverendo Senhor Doutor Provizor fiz esta enformaçam, que vai na verdade, que mandei escrever na minha presença, por pessoa fiel, e vai assignada por mim, e pello reverendo Joam de Bessa Ferreira, abbade de Santa Margarida de Louzada, e pello reverendo Crispim Alvares da Silva, vigario

*de Sam Thiago de Cernedello, ambos parochos vezinhos desta freguezia de Sam Miguel de Louzada, aos vinte e hum dias do mês de Maio de mil e setecentos e sincoenta e outo annos. O vigario, Gualter da Costa. O abbade, João de Beça Ferreira. O vigario, Crispim Alvares da Silva*¹.

¹IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 21, memória 153, fls. 1319-1326; CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. Autor, 2009, pp. 312-314.

3. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO 3.1. Toponímia

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Ref. ^{as} bibliográficas/Observações
Boussa/Bouça	Terra inculta, imprópria para uma atividade agrícola extensiva. Poderá também revelar local onde se recolhem matos para a cama dos animais e lenha.
Boussa de Ferreiro/ Bouça do Ferreiro	Quanto a Bouça veja-se o anotado anteriormente. A forma composta de «Bouça» seguida «do Ferreiro» remete-nos para a atividade profissional do proprietário ou arrendatário da parcela rústica indicada.
Cachada	Estamos perante um topónimo muito representado no noroeste peninsular. José Pedro Machado considera-o de origem obscura, prova da sua antiguidade, talvez pré-romano. Mencionando a Grande Enciclopédia, nº 39, pág. 190, aponta aquele autor a possibilidade de expressar «arroteamento» ² .
Carboal/Carvoal	O autor do « <i>Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa</i> » nada aventa quanto à expressão «Carboal» ou «Carvoal». Apesar de não possuirmos qualquer prova, aventamos poder relacionar-se com a existência no local de um forno (cavidade aberta no solo) para produção de carvão.
Cobrada	Em algumas regiões é considerada uma técnica de pesca em grupo com recurso a uma rede. Noutros casos remete-se para local onde se constata a presença de cobras ³ . No presente caso, entendemos tratar-se de um topónimo que deriva da corruptela do vocábulo «Quebrada», e que neste caso será então de origem topográfica, expressando declive.
Costa	Parcela de um território marcado por uma topografia acidentada, isto é, de encosta ⁴ . Compreende usualmente a superfície a meia altura de um morro que se destaca na envolvente. Situa-se normalmente entre o cocuruto de um monte e o início do vale.
Cuvo	Não encontramos concreta razão para a origem deste topónimo em São Miguel. Poderá eventualmente ser divergente de «Cubo», vocábulo raro que em algumas regiões de Portugal exprime “sepultura rupestre” ⁵ .
Estrada	Via de significativa amplitude, antiga Estrada Real, hoje correspondente à Estrada Nacional 207.
Falcam/Falcão	Julgamos tratar-se de um antroponímico, fixado por ali ter havido um proprietário de apelido «Falcão».
Feira	Local onde outrora houve algum tipo de mercado.
Fonte	Do latim « <i>Fonte- Fons</i> ». Topónimo de significado evidente. Sítio onde existe ou existiu uma fonte, por certo com carácter público.
Forno	Denominação atribuída a um lugar onde existiu um forno. Considerando que persiste próximo o topónimo «Telheira», sugerimos que se relacione com um forno cerâmico de fabrico de telhas, talvez do tipo “meia-cana”.
Igreja	Topónimo relacionado, por proximidade, com o sítio onde se acha erigida a igreja.
Lage/Laje	De origem obscura, é um vocábulo frequente quer em Portugal, quer na Galiza.
Lameira	Vocábulo derivado de «Lama». Frequente no Norte de Portugal e Galiza. Deverá relacionar-se com zona onde se constata a presença abundante de água, que torna as terras agrícolas “pesadas”, resultando num solo “ensopado”.
Lugar do Outeiro	Topónimo de origem topográfica. O mesmo que cume, sítio elevado, que se destaca da topografia da envolvente ⁶ .
Magantinha	Topónimo de origem obscura.
Moinhos	Indica a presença no local de moinhos. Uma vez que é a tipologia mais frequente no concelho de Lousada, deverá relacionar-se com moinhos de rodízio.
Monte	Monte é um topónimo de origem evidente. Local onde se faz recolha de mato para a cama de gado em regime estabular.
Nogueira	Lugar assinalado pela população devido à presença da árvore indicada.
Piagem/Piaís	José Pedro Machado anota que estamos em face de um topónimo que deverá estar por peagem, nada mais adiantando para além de situar este no concelho de Lousada ⁷ . Sugerimos expressar “portagem”, local onde deveria cobrar-se uma taxa pela circulação naquele local de pessoas e mercadorias.

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Ref. ^{as} bibliográficas/Observações
Portella/Portela	Do latim « <i>Portella</i> ». Os lugares aos quais se dá esta denominação podem compreender distintas características topográficas, nomeadamente constituir uma zona em que um caminho ou estrada apresenta acentuada curvatura; indistinta cumeada de elevada ou baixa altitude que constitui limite entre bacias hidrográficas de diferente dimensão ou ser passagem estreita entre vales ou montes.
Quinta da Porta	Topónimo com grande representatividade um pouco por todo o país. Terá origem no latim « <i>quintana</i> ». Tem sentido predial, terreno de sementeira ⁸ .
Quintaens/Quintães	Propriedade usualmente murada ou cercada de muros ou sebes, tendo como principais aptidões a agricultura de sementeira e a vitivinicultura. Compõe-se ainda de casa de habitação e de unidades de apoio à atividade agrícola. Em Portugal parece fixar-se na toponímia durante os séculos IX e XI ⁹ .
Souttinho/Soutinho	Paisagem abundante de castanheiros. Fitotopónimo. Do latim « <i>saltellu-</i> » diminutivo de « <i>saltu-</i> » donde souto. A forma mais arcaica em Portugal de Souto é « <i>salto</i> » e está documentada em 915 (<i>PMH, DC</i> ¹⁰ , 19). A forma intermédia - « <i>sauto</i> » surge, porém, mencionada em 870 (<i>PMH, DC, 6</i>) ¹¹ .
Soutto/Souto	Paisagem abundante de castanheiros.
Subdevezas/Subdevasas	«Sub» é um prefixo muito frequente na toponímia portuguesa, sendo indicador do que está abaixo. Devasas é plural de «Devesa», derivado do latim « <i>defensa</i> ». Entende-se aqui, como em todo o espaço concelhio, por campos ou parcelas de terrenos rodeados por árvores, nomeadamente por choupos, lódãos, carvalhos, etc.
Subribas/Subribas	Para «Sub» ver o anteriormente anotado. Ribas deriva do latim « <i>ripa, -ae</i> », e expressa margem ou arriba. Julgamos estar perante um topónimo composto que significa abaixo de uma encosta.
Talho	Topónimo com carácter agrícola, significando campo onde se plantam o que popularmente se denominam de “crusidades”, isto é, produtos hortícolas.
Villa/Vila	Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal. Não raras vezes é indicativo de aglomerado populacional antigo, com raiz baixo-medieval ou mesmo anterior.

3.2. Património

3.2.1 Capela de Santa Luzia

No lugar de Quintans estaria edificada uma capela dedicada a Santa Luzia, tendo como administrador José Inácio de Azevedo. Era local de alguma romagem, principalmente no dia desta santa mártir, a 13 de dezembro. Desconhece-se se sobrevive algum vestígio desta capela.

3.2.1 Capela de São José

Capela de fundação particular, dos inícios do século XVIII, profundamente remodelada em época posterior, vindo a ser incorporada na própria área residencial da casa da Portela. Na padieira da porta conserva-se uma inscrição com a data da sua fundação.

3.2.1 Capela de Nossa Senhora do Rosário

A capela de Nossa Senhora do Rosário foi edificada na primeira metade do século XVIII, por motivação particular, para assistência espiritual aos senhores da casa de Piagem. Evidencia uma arquitetura muito enquadrada com os princípios da época, em que se destaca o trabalho das cantarias em aresta viva.



Figura 2 Capela de Nossa Senhora do Rosário

²MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 304.
³MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 428.
⁴MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 460.
⁵MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 428 e 477.
⁶MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 1109.
⁷MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1171.
⁸A. de Almeida Fernandes – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, p. 502.
⁹FERNANDES, Maria Alice; CARDEIRA, Esperança – “Notas sobre toponímia portuguesa medieval”, in *Monografia 11*, Revista Galega de Filoloxía. A Coruña: Universidade da Coruña, p. 156.
¹⁰*Portugal Monumenta Historica – Diplomata et Chartae*.
¹¹MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III., p. 1367.